



PERIGO: os 'serviços' prestados pelos ecossistemas estão ameaçados pela devastação. Solução é fazer o uso sustentável dos recursos

Estudo avalia o custo econômico da destruição ambiental

Nova tendência é a cobrança dos recursos naturais, até hoje gratuitos. Mas a quantificação ainda não foi assimilada por economistas e empresários

O amplo declínio dos ecossistemas de todo o mundo ameaça ser devastador para a humanidade e para o bem-estar de todas as espécies. Esta é principal conclusão do relatório do milênio sobre os recursos naturais mundiais, lançado nesta semana pelo World Resources Institute (WRI), Banco Mundial (Bird), Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (Pnuma), e Programa das Nações Unidas sobre o Desenvolvi-

mento (Pnud).

Mais de 175 pesquisadores trabalharam no relatório durante dois anos, comparando resultados e preenchendo lacunas de 100 estudos anteriores. Os dados completos serão publicados em setembro, mas um resumo já está disponível no relatório *World Resources 2000-2001: Pessoas e Ecossistemas, o Esgarçar da Teia da Vida*, com uma versão impressa e outra virtual (<http://www.wri.org/wri/wrr2000>).

Engrenagens biológicas

Considerando os ecossistemas como engrenagens biológicas do planeta, o relatório faz uma análise-piloto da saúde dos ecossistemas globais. Foram incluídos zonas costeiras, florestas, savanas, recursos hídricos e sistemas agrícolas. A análise abrange o atual estado e a tendência des-

ses ecossistemas e sua capacidade de produzir bens e serviços ambientais, dos quais dependem o homem, a fauna e a flora.

Entre os serviços prestados pelos ecossistemas estão a produção de alimentos e de água potável em quantidades suficientes, o estoque de carbono atmosférico, a manutenção da biodiversidade e a provisão de oportunidades de turismo e lazer.

"Nosso conhecimento sobre os ecossistemas cresceu dramaticamente, mas não conseguimos sequer empatar com nossa habilidade em alterá-los", declarou Klaus Toepfer, diretor-executivo do Pnuma. "Podemos continuar alterando os ecossistemas da Terra cegamente ou podemos aprender a usá-los de forma mais sustentável."

"Governos e empresas devem repensar alguns pressu-

postos básicos que embasam nossa maneira de medir e planejar a economia", acrescentou James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial.

A quantificação e valorização dos custos de produção desses serviços ambientais, até hoje computados como gratuitos, é uma nova tendência entre os ambientalistas, mas ainda não foi assimilada por economistas, empresá-

Tendência de equilíbrio

Embora haja uma tendência de equilibrar as políticas de desenvolvimento com o fator ambiental, em termos planetários a situação é muito crítica por causa dos efeitos acumulativos.

"A questão ambiental está ligada à sobrevivência de grandes contingentes de população, que já estão sofrendo com processos de desertificação e mudanças climáticas, determinantes para a produção agrícola de pobres e ricos", diz a secretária de Coordenação da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente, Mary Allegretti. "A alçada do fator meio ambiente para o centro de preocupação econômica e de desenvolvimento vai ser o grande fato dessa década."

Liana John e Maura Campanili

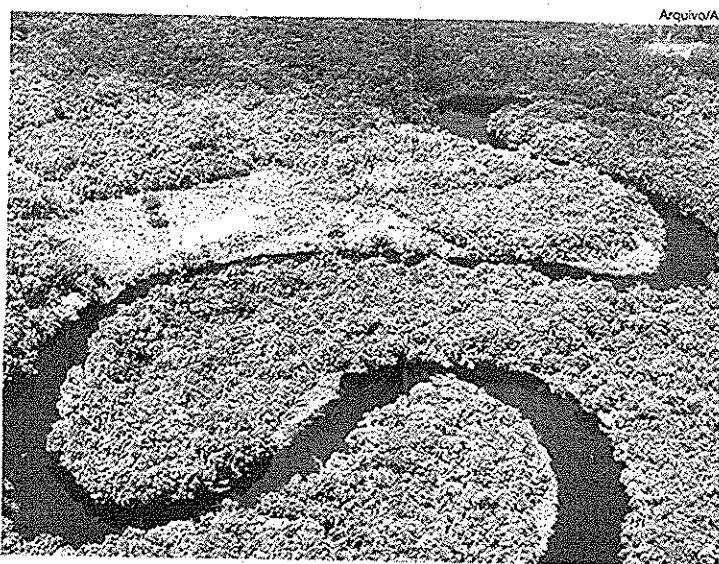
sileira, embora avançada, não consegue a eficácia necessária."

Segundo Allegretti, na Amazônia essa postura começa a mudar com o projeto de criação do Sistema de Áreas Protegidas, que será apresentado ao Fundo Ambiental Global (GEF), no próximo dia 7 de maio, em Washington, e pretende preservar 10% da Amazônia em unidades de conservação.

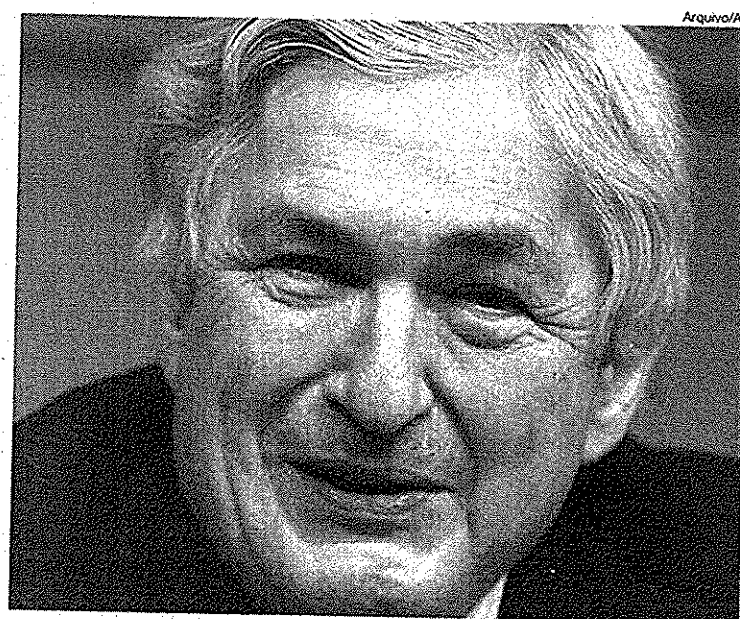
Avança, Brasil

Além disso, os ministérios do Meio Ambiente e do Planejamento farão, juntos, uma avaliação socioeconômica e ambiental dos eixos nacionais de integração previstos no Avanço Brasil, projeto de grandes obras do Governo Federal.

"Pela primeira vez será feita uma avaliação do efeito do conjunto de obras, com projeções para os próximos 20 anos", explica a secretária.



DECLÍNIO: Mata Atlântica já perdeu 93% de sua cobertura vegetal



WOLFENSOHN: governos devem repensar planejamento da economia

Destruição em alta velocidade

- No último século, o planeta perdeu 50% de suas áreas inundáveis - responsáveis pela boa qualidade da água e alta biodiversidade
- A extração de madeira e a conversão em áreas agrícolas já consumiu 50% das florestas mundiais
- O desmatamento nos trópicos supera os 130 mil Km² anuais
- Cerca de 9% das espécies de árvore estão ameaçadas de extinção
- Aproximadamente 70% dos principais estoques pesqueiros marinhos são superexplorados ou estão no seu limite biológico
- O ritmo de crescimento da pesca está 40% acima do que os oceanos podem sustentar
- A degradação dos solos já afetou 75% das terras boas para agricultura, nos últimos 50 anos
- Cerca de 30% das florestas originais do mundo foram transformadas em áreas agrícolas
- Barragens, canais e desvios fragmentam quase 60% dos maiores rios mundiais
- Cerca de 20% dos peixes de água doce estão extintos ou ameaçados
- Desde 1980, a economia global já triplicou e a população cresceu 30%, alcançando 6 bilhões de pessoas
- Mais de 2,3 bilhões de pessoas convivem com a escassez de água potável

Produção agrícola cresce menos

Cerca de 66% das terras agrícolas tem solo degradado. Produtividade não atenderá aos 3 bilhões de novos habitantes do planeta

A população mundial chegou a 6 bilhões sem sinais de estabilização, embora o ritmo de crescimento tenha diminuído em relação às previsões feitas há alguns anos. Para alimentar e dar conforto a tanta gente, a agricultura já tomou mais de um quarto da superfície terrestre. Do total de áreas agrícolas, porém, três quartos são solos de baixa fertilidade e metade está em terrenos acidificados, com baixa produtividade.

Cerca de 66% dessas mesmas terras ocupadas pela agricultura sofrem processos de degradação por causa da erosão, salinização, poluição ou degradação biológica, intensificados nos últimos 50 anos.

Como consequência da degradação, a produtividade agrícola cresce cada vez mais devagar e de forma desigual. Embo-

ra o total de alimentos produzidos no mundo seja suficiente, a má distribuição desta produção mantém pelo menos 800 milhões de pessoas subnutridas. E o crescimento da produtividade não atenderá aos 3 bilhões de novos habitantes do planeta Terra, previstos para os próximos 30 anos.

Além dos alimentos, a energia, ar, água, solo, petróleo, minérios e outros recursos naturais consumidos pelos homens remontam altas somas: cerca de 45 a 85 toneladas por pessoa por ano. Na contabilidade das economias mais desenvolvidas, pode-se dizer que cada 100 dólares de riquezas produzidas consomem 300 kg de recursos naturais.

Só o uso de energia cresceu cerca de 70% nos últimos 30 anos e deve continuar aumentando à razão de 2% ao ano pelos próximos 15 anos. Isso significa mais conforto, mas também contribuições 50% maiores para o aquecimento global da atmosfera, a menos que se consigam baratear as formas alternativas de energia - eólica, solar, geotermal -, cujos avanços tecnológicos têm sido promissores. (L.J. e M.C.)

Dados sobre devastação não têm efeito

"Embora nossa dependência em relação aos ecossistemas seja óbvia, a tarefa de integrar considerações sobre a capacidade dos ecossistemas nas decisões relativas ao desenvolvimento é difícil", diz o relatório do World Resources Institute. "E a maior dificuldade de todas é o fato das pessoas em todos os níveis, do produtor rural lá na base ao político da capital, não conseguirem fazer bom uso do conhecimento disponível ou não terem acesso à informação básica sobre as condições e as perspectivas de longo prazo dos ecossistemas."

E por isso que os autores do relatório recomendam conhecer o funcionamento dos ecossistemas, respeitando seus limites naturais e manejando-os preferencialmente de forma holística e não setorializada. Também recomendam o monitoramento regular e o

estudos dos processos que asseguram sua capacidade de sustentar a vida, de modo a tornar possível medir as consequências das decisões e escolhas políticas.

"Ainda que alguns tipos de dados sejam disponibilizados em abundância, sua análise mostra que ainda não há coordenação de esforços. As escalas divergem, medidas diferentes desafiam a integração e diferentes fontes de informação muitas vezes desconhecem os resultados relevantes de uma e de outra", criticam os autores, que se propõem a organizar uma proposta integrada de ação, a que chamam de Millennium Ecosystem Assessment.

Teia esgarçada

"No alvorecer de um novo século, nós temos a habilidade de mudar os sistemas vitais deste planeta para melhor ou para pior. Para mudar para melhor, precisamos reconhecer que o bem-estar das pessoas e ecossistemas está interligado e que a teia está se esgarçando", resume Klaus Toepfer, diretor do Pnuma. "Nós precisamos repará-la e temos os instrumentos em mãos para fazê-lo." (L.J. e M.C.)